

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE: NA DIALOGIA POÉTICA DA COMUNHÃO

Livia C. Monteiro

Lúcia Regina Lucas da Rosa

INTRODUÇÃO

O presente ensaio analisará alguns poemas de Carlos Drummond de Andrade sob o viés da poesia de comunhão a partir do texto de Octávio Paz, poeta e ensaísta mexicano, e seu direcionamento como reação à desumanização, considerando-se o período de sua publicação no pós-guerra. Pensar a América Latina é um exercício de muitos olhares e, necessitando fazer um recorte poético e litúrgico, escolhemos uma via de acesso conduzida por Octávio Paz. Com vasta e abrangente obra, o poeta maior revela um voltar-se no caminho da solidão, movido pelo desejo na direção da comunhão.

Octavio Paz questiona a posição da operação poética: atividade mágica ou religiosa? Ao antever a visão defendida por “puristas” ao dizerem não ser nenhuma das duas operações, devido à irreducibilidade da poesia, o ensaísta sublinha que o espírito que expressa o poema, os meios de que se valem e sua raiz instintiva podem ser de magia ou de religião. Assim fica lançada a proposição de diálogo que o poeta lírico estabelece com o mundo. E assim, há duas situações extremas que conduzem à escrita poética: *uma de solidão e uma de comunhão*. O presente texto pretende realizar análise e compreensão dessas situações no âmbito da poesia drummondiana.

E, nessa análise, conduziremos a leitura dos poemas como um *Projeto poético-pensante*, em conformidade aos estudos teóricos de Silvina Rodrigues Lopes – professora e crítica literária.

DRUMMOND E A POESIA PENSANTE

A literatura latino-americana é um palco sublime de vários autores, que, movidos pelo sentimento de alteridade, perscrutam em suas obras o trajeto político-social de seus países e do mundo. Há uma rica e ativa escrita da contemporaneidade na tão importante empreitada na arte como reação à desumanização.

Os poetas observam e tentam decifrar o mundo e é pela incorporação da poesia de comunhão como resposta às impressões obtidas que Carlos Drummond de Andrade se apresenta como um mensageiro de valores que se perdem em uma vida cada vez mais mecanizada e, conseqüentemente, vazia.

À luz do pensamento da arte literária como reação à desumanização, o presente artigo tem o objetivo de apontar à abertura de diálogos na poética drummondiana que são capazes de ilustrar uma identidade poética moldada no viés da comunhão, que abarca esse conceito não como simples função da poesia, mas como algo resultante da memória ampla que rege toda a obra do poeta. Entretanto, nos ateremos especificamente ao trecho situado entre os anos de 1940 e 1951, nomeadamente nas obras *Sentimento do Mundo*, *A Rosa do Povo* e *Claro Enigma*.

Drummond conduziu o essencial da poesia da modernidade: para além da emoção, concebeu uma poesia que é também sugestão plástica, e não apenas a revelação de sentimentos individuais por parte do poeta. Uma poesia que, ao criar uma imagem muito forte, ainda que isso se dê metaforicamente, precisa chocar, nos colocar diante do tocante. Assim ficamos submergidos nessa eclosão de plenitude com seus dizeres captados pelo poeta da modernidade, com sua sensibilidade de combatente, que procura na arte da poesia a busca de

uma abertura na linguagem que faça estremecer o mundo.

Com um poeitar que, apesar de essencialmente lírico, cumpriu ainda uma segunda premissa da poesia modernista: a lógica da desarticulação na linguagem artística; estratégia condizente com o contexto de guerras mundiais, de mesquinha política, de disparidade social, de um mundo que, calado, participava da sistematização abusiva imposta pelos protocolos da era industrial.

Mais do que uma fragmentação em fases, propomos que a obra de Drummond seja um *Projeto poético-pensante*, sempre movido pelo desejo de poder fazer algo pelo mundo por meio da arte. Segundo Silvina Rodrigues Lopes, em *A Legitimação da Literatura* (1994), podemos entender a Poesia Pensante como a nova função da poesia moderna. Essa análise parte da perspectiva de que, na modernidade, a função sacralizante da poesia foi substituída, em contraposição ao pensar clássico de alguns teóricos, como Heidegger, por exemplo, que postulavam que os poetas deveriam interrogar-se sobre suas missões, pois não havia mais beleza no mundo. Sendo essa uma ideia que remete à finalidade puramente estética da poesia, nasce a Poesia Pensante, que visa diálogo entre poesia e pensamento, obstinada à liberdade do pensar. A linearidade desse projeto pode ser entendida como evolução no devir de reinvenção do poeta, com um marco de maturação para um novo tipo de arte começada na obra de 1940, *Sentimento do Mundo*, com o fenômeno que chamamos “o despertar do *gauche*”¹. Trata-se da transformação de Drummond, oscilando do estado de tímido observador (que podemos conferir no “Poema de sete faces, de 1928) ao “estranho” que planeou ultrapassar sua timidez através da arte. Atribuímos a essa estranheza o ápice da força poética em Drummond: a falta de naturalidade com um mundo corrompido, que vai ao encontro do que Theodor Adorno propõe em *Minima Moralia*: “apenas a estranheza é o antídoto para a alienação” (MELLO, 2011, p.2).

Em Carlos Drummond de Andrade, o amadurecimento começa com a percepção do problema da humanidade ser bem maior que o seu. A perplexidade diante de um mundo que se destrói pelas mãos do homem é aquilo que o comove a fazer uma poesia social. Ela fala em luta e em esperança, mas ainda em uma perspectiva futura, pois, o horror diante dos seus olhos não lhe permite visão otimista e imediata. Na obra *Sentimento do Mundo*, de 1940, referenciamos positivamente essa lapidação do *gauche*, porque acreditamos ser esse o grito de liberdade do poeta, que poderia ter se mantido aprisionado no silêncio do constrangimento, marco de suas primeiras obras, mas acaba se movendo para a expressão libertadora da poesia social.

[...] Tenho apenas duas mãos e o
sentimento do mundo
mas estou cheio de escravos,
minhas lembranças escorrem
e o corpo transige
na confluência do amor [...]
(DRUMMOND, 2016, p.134).

A ação mais emblemática desse Projeto poético-pensante está em sua próxima obra, *A Rosa do Povo*, de 1945, em que Drummond traz toda essa dor do mundo, mas com uma nova revelação, explorando ainda mais o arsenal da memória: a fusão de perspectivas pessoais e sociais originando uma culminância lírica. O poeta incorpora a dureza do inevitável e desenvolve uma meditação da idade madura permeada pela insatisfação consigo mesmo, a fim de elaborar uma espécie de vida alternativa, justificadora da sua existência falhada. Vemos aqui a ocorrência da amplitude do alvo da poesia drummondiana, que antes era “o próprio eu” e agora passa a ser “o eu perante o mundo”.

1 Alcinha adotada por Carlos Drummond de Andrade para falar de “*gaucherie*”, palavra francesa que indica falta de jeito ou esquisitice. É com ela que o poeta define a estranheza perante a si próprio do indivíduo moderno e desenraizado (Antônio Cícero, 2016, in: O aprendizado da poesia, posfácio da antologia poética, p. 301).

A *Rosa do Povo* significou a articulação do movimento de redenção pela poesia. Aqui o poeta investiga mais a fundo a máquina retorcida da alma e concentra sua força poética no espírito de fraternidade que o invade por completo. Diante da constatação do mundo social “torto”, que está deformado, tanto circunstancialmente como essencialmente, e, logo, responsável pela deformação dos indivíduos, o poeta lamenta, pois até mesmo ele percebe-se no rol do corrompimento.

Aqui Drummond decide resgatar a consciência, e o ideal surge como força de redenção. Essa luta travada através da poesia social é emoldurada por significativos poemas que passam a tratar de esperança e convocar ações, ocasionando redenção dele próprio.

[...] Preso à minha classe e a algumas roupas
Vou de branco pela rua cinzenta.
Melancolias, mercadorias espreitam-me. Devo seguir até o enjoo?
Posso sem armas, revoltar-me? [...]
(DRUMMOND, 2016, p.32)

Finalmente, com o livro *Claro enigma*, de 1951, chegamos à última reviravolta poética do autor dentro dos períodos aqui compreendidos. Escrita sob o impacto da Guerra Fria e ameaça da bomba atômica, o sujeito poético engajado socialmente cede lugar a outro: introspectivo, melancólico, com abordagens à metafísica, descrente da possibilidade de união das pessoas. São temas frequentes nessa obra o desencanto, elaboração de perguntas diante do absurdo do mundo e do vazio da vida, enfrentamento da dor de viver e o amor no tempo da maturidade.

[...] O mundo não vale o mundo, meu bem.
O mundo, meu bem, não vale a pena, e a face serena, vale a face torturada.
Meu bem, usemos palavras
Façamos mundos: ideias.
Deixemos o mundo aos outros,
já que o querem gastar
Meu bem, sejamos fortíssimos -
Mas a força não existe -
E na mais pura mentira
do mundo que se desmente,
recortemos nossa imagem [...]
(DRUMMOND, 2016, p. 241-243).

Paralelamente com esse desencanto, chamamos atenção para articulação da “reunião dos opostos”, estratégia de escrita bastante usada pelos poetas modernistas, que aqui Drummond emprega com a mescla de poemas que exprimem a magnitude do amor, que é incondicional, supremo e não se esvazia mesmo em tempos de seres inertes diante da opacidade do mundo.

[...] Que pode uma criatura senão,
entre criaturas, amar?
sempre, e até de olhos vidrados, amar?
Este é o nosso destino: amor sem conta,
distribuído pelas coisas pérfidas ou nulas,
doação ilimitada a uma mais completa ingratidão,
Amar a nossa mesma falta de amor, e na segura nossa amar a água implícita, e o beijo tácito,
e a sede infinita. [...]
(DRUMMOND, 2016, p. 202-303)

Ao traçarmos essa breve análise diacrônica do poeta drummondiano entre 1940 e 1951, conseguimos

avaliar que as principais matizes do processo identitário de Carlos Drummond de Andrade estão fundamentalmente submergidas na memória, mais especificamente na *Memória Excessiva*², onde postulamos o amor como o sentimento norteador de toda sua obra, portanto, o amor como memória excessiva.

É com a inserção de um pensar teórico de outro grande poeta latino-americano, Octavio Paz, que elucidamos essa proposta. Partindo da definição desse teórico sobre o amor, é importante ponderarmos o sentimento em suas interfaces: o amor feliz e o amor que é perdição, desespero. Paz nos coloca diante da conceptualização de amor não apenas em seu instinto benigno que nos impulsiona à sobrevivência e reprodução. “*No amor intervém também seu instinto de perdição e morte, porque o sentimento tem sua natureza contraditória, é também desejo descontrolado de posse, dissolução de um ser no outro*” (PAZ, 1943, p. 17). Nele sopra a sedução do abismo, o desejo de cair fundo e a nostalgia de nossa origem. Essas duas faces do amor resumem simplificada e variadas posturas do homem e do poeta diante da realidade.

O ensaísta mexicano prossegue com a menção das sociedades arcaicas que contemplavam de forma pura as duas faces do amor. O amor “bom”, exemplificado pela religião, que através da adoração encarnava a eternidade da sociedade e pregava o vínculo social. E o amor “em sua fúria,” protótipo da magia, que através do culto ao poder individual e ao progresso formava o que hoje entendemos como “os avanços do homem”. É assim que o mago, modesto antecessor dos inventores, ergue-se diante da realidade: “*enfeitando a natureza, corrompendo o mundo, obrigando-a obediência. O sacerdote ama, suplica e o mago adula, coage*”. (PAZ, 1943, p.17).

Dessa forma, o ensaísta sublinha que o espírito que expressa o poema, os meios de que se valem e sua raiz instintiva podem ser de magia ou de religião. Daqui fica lançada a proposição avaliativa do diálogo que o poeta lírico estabelece com o mundo. Nessa dialogia há duas situações extremas que movem a alma dos poetas: *uma de solidão e uma de comunhão*.

O poeta parte da solidão, movido pelo desejo na direção da comunhão. Religião e poesia tendem à comunhão, com a diferença de que a religião pode acabar por cair nas convenções da sociedade e, como sabemos, a poesia não. Mas “é comum em ambas por meio do alimento sagrado romper a solidão e devolver ao homem sua inocência”. (PAZ, 1943, p.20). Com essa reflexão, o autor sugere que a poesia é nascida no mesmo instinto que a religião, entretanto, não quer salvar o homem ou construir a cidade de Deus, mas, dar-nos o testemunho terreno de uma experiência. O tipo de testemunho é o Poético, que se trata do testemunho de inocência inata do homem.

Estamos diante do que o teórico entende como função da poesia: a revelação da inocência que respira em cada homem. Ela demonstra que a consciência pode encarnar em tudo que a rodeia, e para que isso ocorra, basta não negá-la e, sim mergulhar com ela nas águas puras do amor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tomar de empréstimo as palavras do teórico mexicano, propomos que habitam em Drummond as duas vertentes de uma poética cingida em amor: Nas primeiras fases (em “Sentimento do Mundo” e “A Rosa do Povo”) vemos o amor puro, belo, e na terceira (em Claro enigma) verificamos o amor em sua fúria.

2 “Memória Excessiva” é um conceito da teórica Silvina Rodrigues Lopes, para definir tudo aquilo de mais tocante que está sempre presente, como um enigma, em grande parte ou em toda a trajetória de um artista. Da memória excessiva ocorre um estremecimento do pensar paralelamente entre poeta e leitor. É uma sensação tão marcante que norteia não apenas o âmagos de seus poemas, mas vai compor o mais íntimo, o que é inerente no artista: a sua experiência e vai ajudar a formar a sua identidade poética. (LOPES, 2012, p. 56-59).

O que não quer dizer que em “Claro enigma” o poeta brasileiro esteja absorto “em perdição” a exemplo do “mago que coage”; muito pelo contrário, o poeta mantém-se mergulhado em amor. Entretanto, a dor da revolta com as coisas do mundo é incorporada, afinal, a poesia social como antídoto em “A Rosa do Povo” não tocou tanto como o artista gostaria, e um mundo segue marginalizado; afinal o Projeto poético-pensante prossegue, e é preciso chocar para acordar mentes anódinas em um quadro social tão caótico. Assim o poeta utiliza-se de palavras violentas, de uma linguagem que vem do seu profundo desespero.

Um boi vê os homens
[...] Tão delicados (mais que um arbusto) e correm
E correm de um lado para o outro, sempre esquecidos
De alguma coisa. Certamente, falta-lhes
Não sei que atributo essencial, posto se apresentem nobres
E graves, por vezes. Ah, espantosamente graves,
Até sinistros. [...]
(DRUMMOND, 1991, p. 25).

A poesia de comunhão parte da solidão e intenciona ressarcir a consciência e a inocência, é em suas alegorias que estabelecem sua relação com o mundo plausível que o poeta moderno experimenta os dois tipos, e assim garante uma das grandes contribuições da poesia: “resgatar o cotidiano da vulgaridade e da banalidade” (PAZ, 1943, p. 25). E o faz através de seus testemunhos, dos quais todos os seres participam, só que está oculto pela rotina e amargura diária.

Segundo Milan Kundera, em “A Cortina”, “a poesia é uma fortaleza da memória. É um gênero privilegiado que resiste aos quadros de esquecimento. (KUNDERA, 2005, p. 144). Ainda que nossos atos sejam vaporosos (num mundo banal), a arte ergue-se como possibilidade de outro mundo; e isso é inesquecível, ultrapassa os tempos. É dessa forma que Carlos Drummond de Andrade encara a possibilidade de refletir sobre a vida na poesia de comunhão como elo de irmandade com o mundo, e o compromisso fraterno é atingido através da conclusão de seu Projeto poético-pensante; ainda que a poesia não tenha funcionado como um antídoto, ao menos a palavra poética fica registrada e guarda a memória de um mundo mais aceitável, não marginal. E essa palavra vai ser de todos os tempos.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, C. D. de. **Antologia poética Carlos Drummond de Andrade**. Antônio Cícero (Edt), São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- ANDRADE, C. D. de. **Claro Enigma**, Rio de Janeiro: Record, 1991.
- CÂNDIDO, A. C. Inquietudes na poesia de Drummond. **Vários Escritos**. São Paulo: Duas cidades, 1970.
- KUNDERA, M. **A Cortina**. Trad. Sousa Pires, Porto: Asa editores, 2005.
- LOPES, S. R.. **A Legitimação da Literatura**. Lisboa: Cosmus, 1994.
- LOPES, S. R. **Literatura, Defesa do Atrito**. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2012.
- MELO, S. V. **Alienação (Entfremdung) e Estranheza (Fremdheit): dois paradigmas culturais do Ocidente**, São Paulo: Revista Pandaemonium USP, 2011.

PAZ, O. **A busca do presente e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2017.